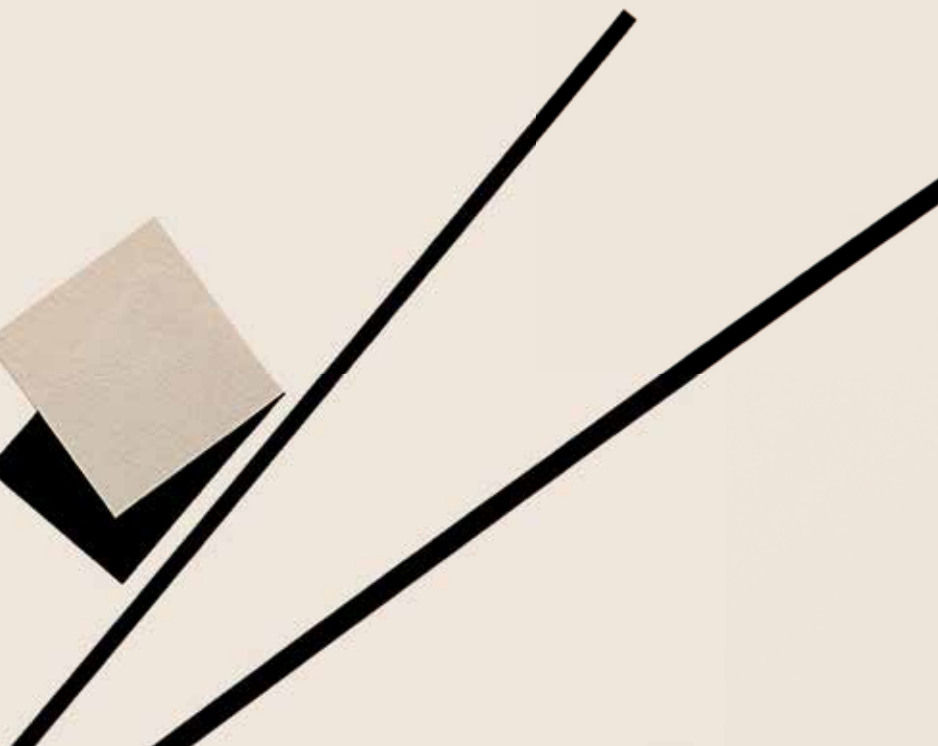
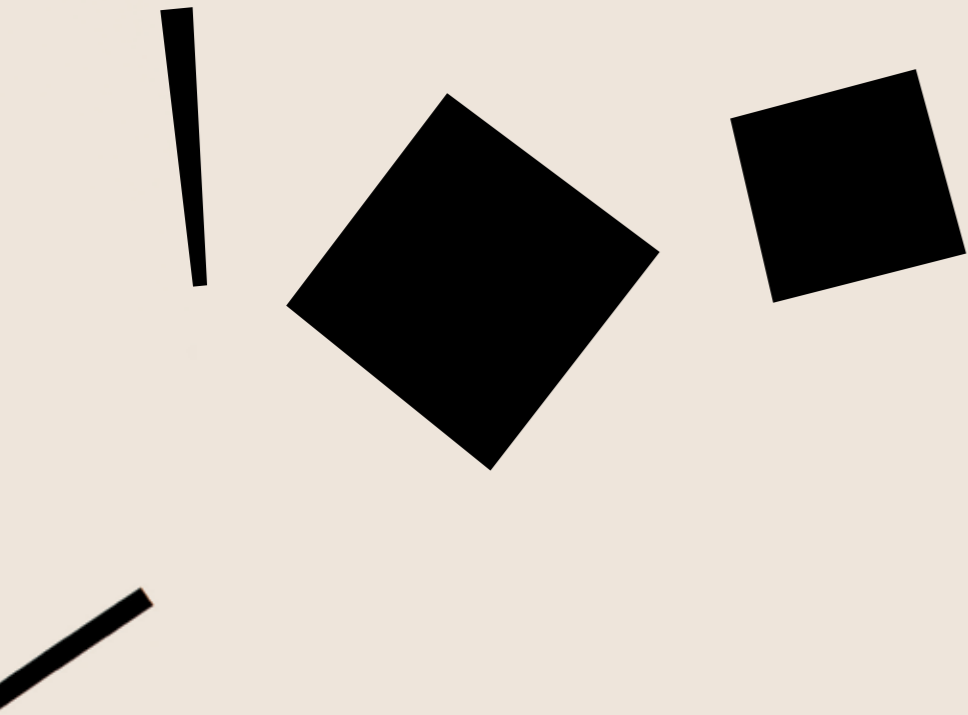


M A R I A
C E N T E N Á R I A
S E R F E L E N A



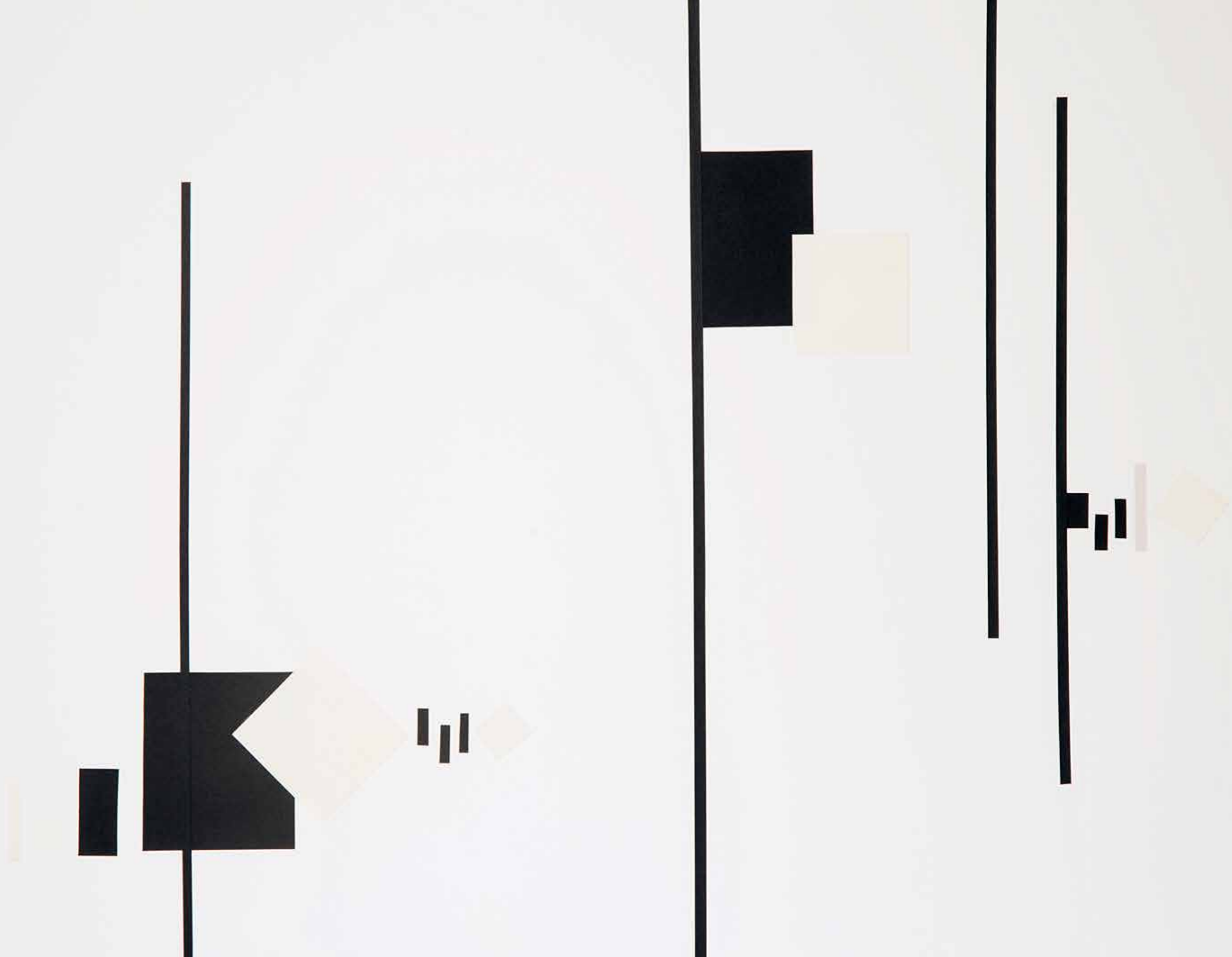


Ministério do Turismo e Instituto Unimed-BH apresentam

M A R I A F E L E N A
C E N T E N Á R I A
S E R F I N D N A

Curadoria
Marília Andrés Ribeiro e Roberto Andrés

Centro Cultural Unimed-BH Minas
6 de novembro de 2022 a 5 de fevereiro de 2023
Belo Horizonte MG



A Galeria de Arte do Centro Cultural Unimed-BH Minas abriga obras da centenária artista mineira Maria Helena Andrés. E Centenária é o nome da exposição que mostrará para o público, gratuitamente, mais de 70 anos de história da cultura nacional. O que muito nos alegra e honra.

Maria Helena viu movimentos artísticos que inovaram e trouxeram, para a arte mineira e nacional, frescor, criatividade, reflexão e inventividade. Ela, além de produzir obras impressionantes em pinturas, desenhos, aquarelas, colagens e esculturas, também pensou a arte por meios de livros e artigos publicados em relevantes jornais do estado.

Passear por essa longa trajetória de produção artística de Maria Helena Andrés é, além de um deleite para os olhos e alma, a afirmação do compromisso do nosso Centro Cultural com a democratização da cultura.

Sejam todos muito bem-vindos!

Ricardo Vieira Santiago

PRESIDENTE DO MINAS TÊNIS CLUBE

M A R I A H E L E N A A N D R É S



CENTENÁRIA

Maria Helena Andrés nasceu em 2 de agosto de 1922, seis meses após a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo. A artista começou a fazer desenhos e pinturas na adolescência e entrou para os estudos de arte no início de sua vida adulta. Desde então, nunca parou. Este é o desafio desta exposição: apresentar os trabalhos de uma artista centenária, atuante, e cuja produção artística e intelectual não cessa de se renovar.

Propomos realizar uma exposição comemorativa do centenário de Maria Helena Andrés, apresentando uma síntese de sua diversificada obra, construída durante sua longa trajetória artística. Seleccionamos obras pontuais das diversas fases da artista, focalizando a cor e a linha como fios condutores.

Ambas são elementos estruturais da obra da artista, desde a fase figurativa, em que ela trabalha aquarelas e pinturas de paisagens urbanas e rurais, cenas do cotidiano, festas e retratos de crianças. A cor dialoga com a linha nos desenhos e pinturas de sua fase construtiva e reaparece gestual, através das séries de *Barcos*, *Guerra*, *Madonas*, *Espacial* e *Mandalas*. Atualmente, a cor e a linha surgem com toda a potência nas colagens e esculturas que revisitam as fases anteriores.

Nesta exposição, construímos vários espaços interligados para apresentar essas diversas fases. A figurativa, realizada durante os anos 1940-1950, mostra seu diálogo com o mestre Guignard. Em meados dos anos 1950, a artista faz, gradualmente, a passagem do figurativo para o abstrato geométrico, apresentando uma série de desenhos e pinturas da fase construtiva, que culmina nas *Cidades Iluminadas*.

Naquele momento, Maria Helena participa do movimento construtivo brasileiro, inaugurado em 1951, com a 1ª Bienal Internacional de São Paulo.

Nos anos 1960, Maria Helena realiza viagens aos EUA e entra em contato com os artistas da *action painting*, iniciando uma nova fase de pintura gestual que se desdobra nas séries de *Barcos*, *Guerra* e *Espacial*. Entre a guerra e o espaço surgem as *Madonas*, revisitando o barroco religioso brasileiro. A partir do final dos anos 1970, empreende várias viagens à Índia, o que a motiva a retomar a temática religiosa, buscando a integração com o cosmos, através da série de *Mandalas*. Nos anos 2000, experimenta outras expressões artísticas – a colagem e a escultura – que se inserem na sua produção contemporânea. Essas experimentações são releituras das fases anteriores, construtivas e gestuais, permeadas pela presença da linha e da cor.

No final deste percurso, apresentamos um espaço para apreciação do filme *Maria Helena Andrés – Arte e Transcendência*, que mostra a trajetória da artista, inclusive como escritora e arte-educadora. Essa trajetória está presente também na cronologia que se desenrola na parede lateral da galeria, acompanhando outro percurso da exposição.

Finalmente, construímos um espaço lúdico, direcionado para as crianças. Compreendemos que a diversidade da obra de Maria Helena Andrés servirá de dispositivo para o desenvolvimento de projetos educativos interativos, motivando-as a se expressarem de forma criativa, a partir das atividades oferecidas nesse espaço da exposição.

Marília Andrés Ribeiro e Roberto Andrés
CURADORES DA EXPOSIÇÃO



FIGURATIVA

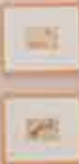
CONSTRUTIVA

BARCOS ESPACIALES

MUSEO



FIGURATIVA



CONSTRUTIVA



BARCOS, ESPACIAL E GUERRA





MADONAS E MANDALAS



CONTEMPORÂNEA

"Os caminhos da arte são os caminhos da vida, porque arte e vida não se separam. Minha família foi, nessa época, o centro gerador de energia numa ligação profunda com a terra, as raízes e o meio ambiente."

Maria Helena Andrés



FIGURATIVA





4

"O primeiro traço marcante da personalidade de Maria Helena Andrés é sua extrema sensibilidade. Em seus desenhos e quadros, nas linhas que se desenvolvem marcando planos, nos contrastes de cores, sutis e delicados, encontramos a artista voltada sempre para o mundo exterior, sensível à inteligência da linha e ao inefável poder emocional da justaposição de dois matizes distintos."

Jacques do Prado Brandão. *Correio do Dia*, Belo Horizonte, 20 set. 1953.



6



5



1



3



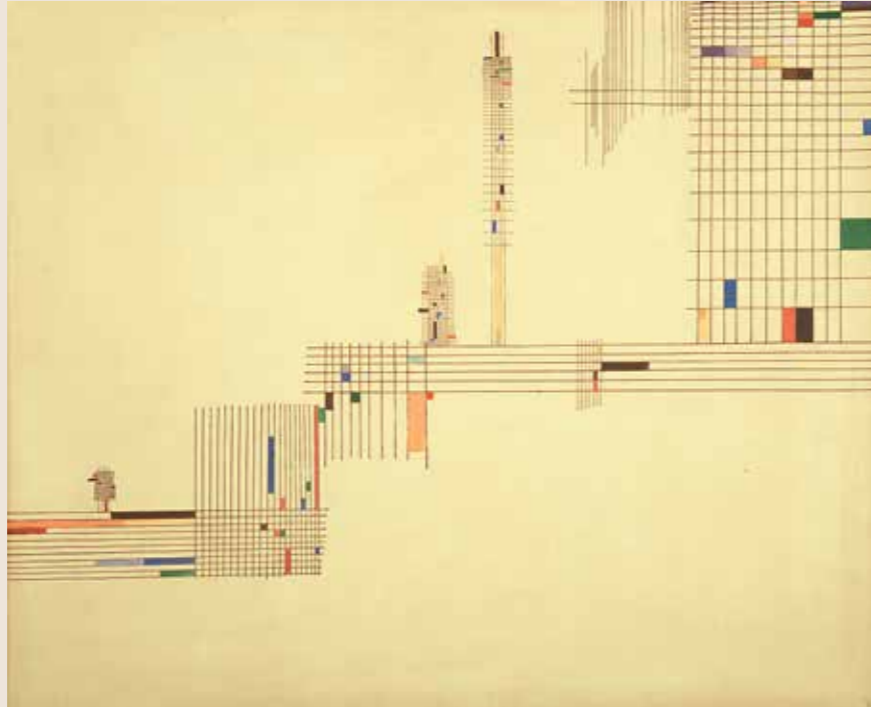
9



7



8

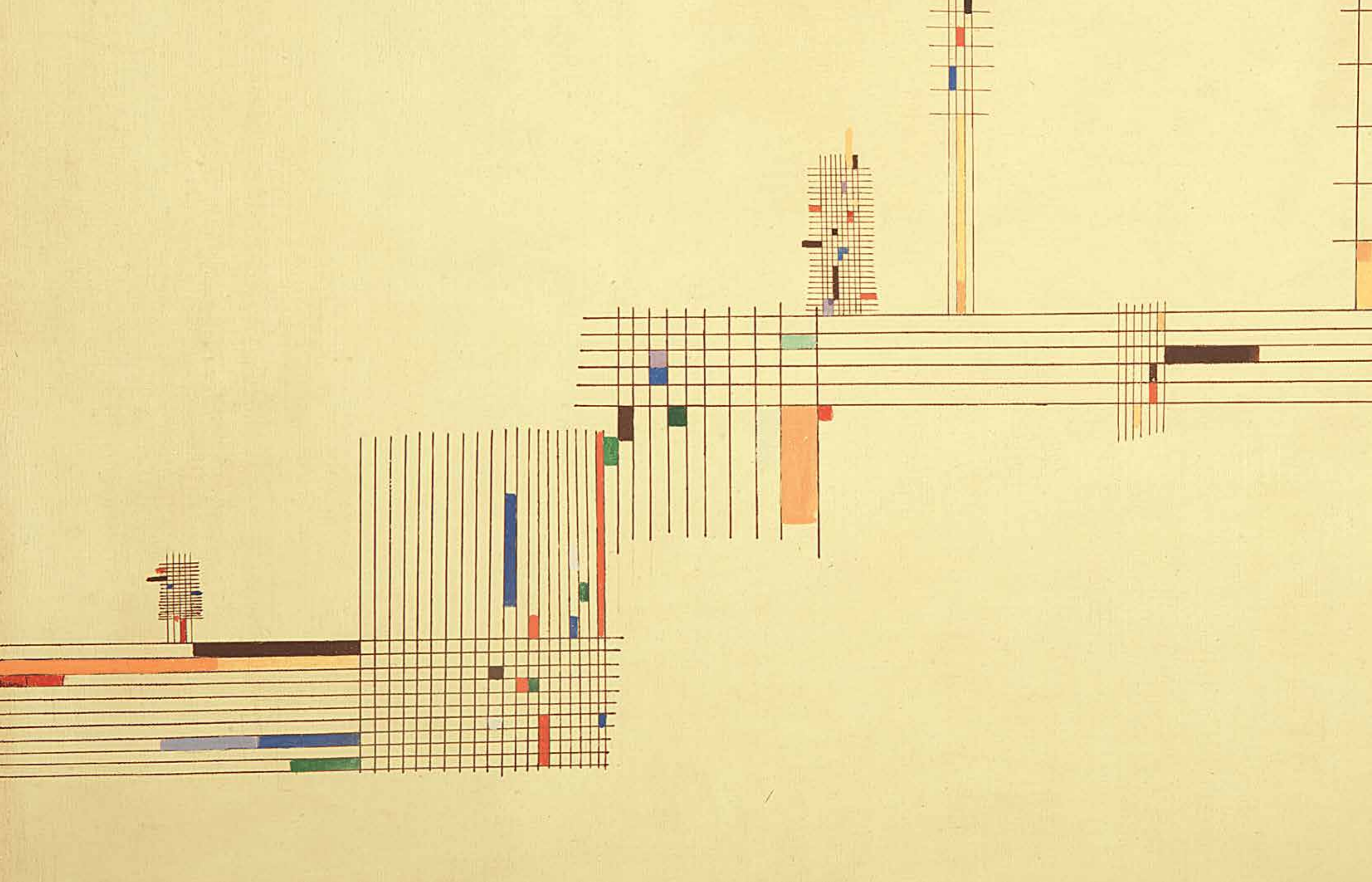


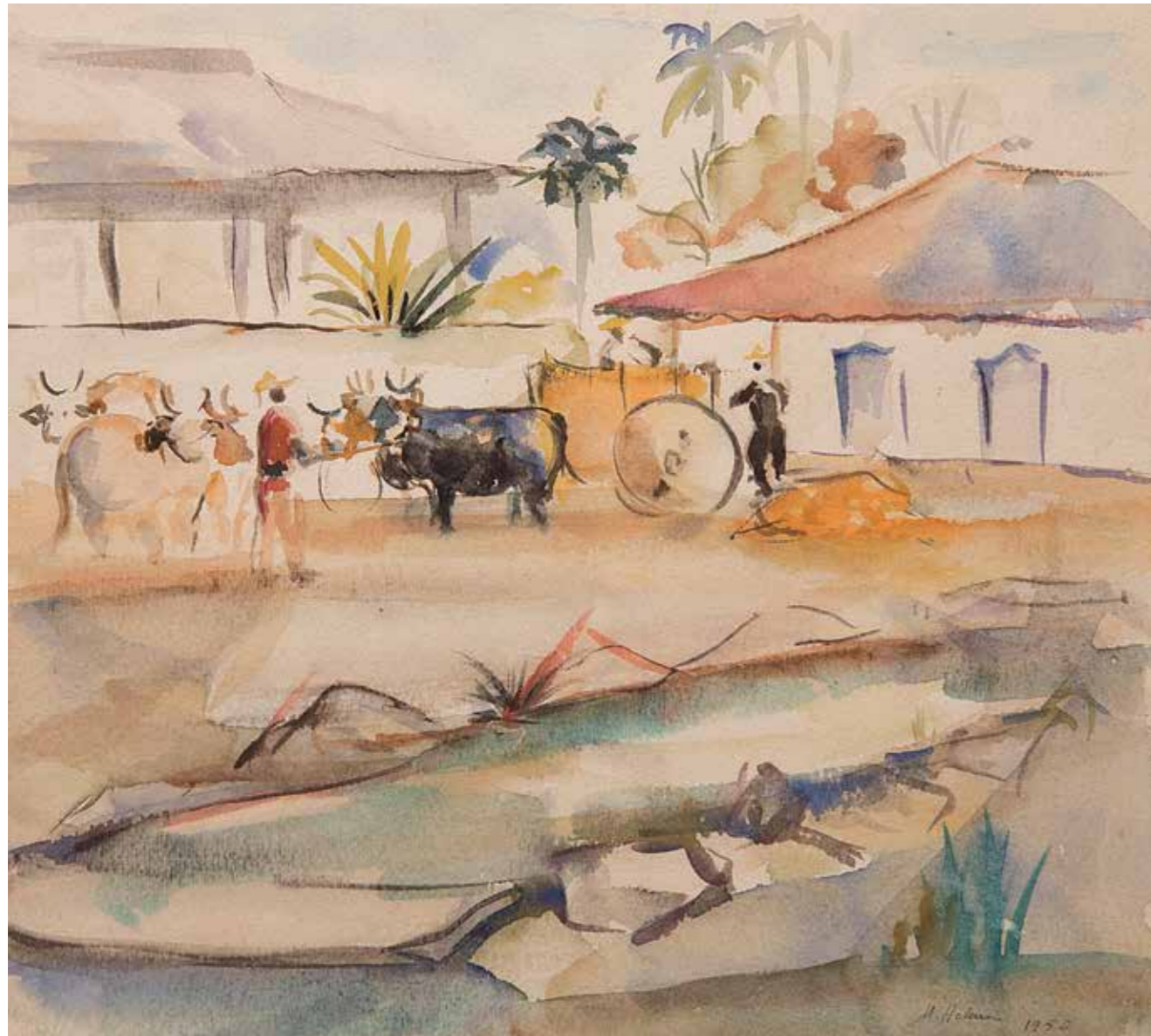
30

**"O desenho rápido linear ia me
conduzindo à essência da forma.
Um dia, a cruz da via sacra se
transformou num poste de luz,
e surgiram as cidades iluminadas."**

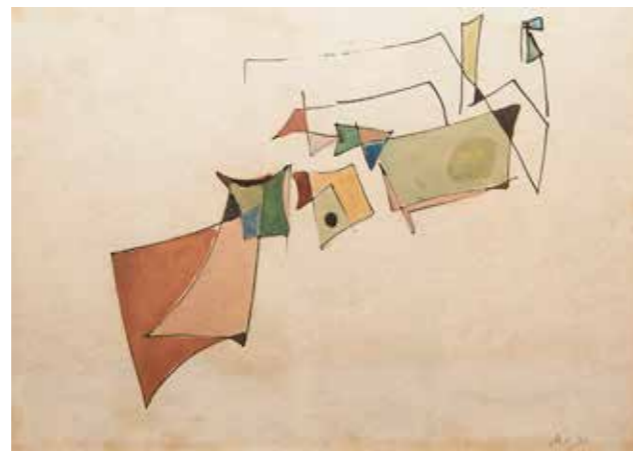
Maria Helena Andrés

CONSTRUTIVA





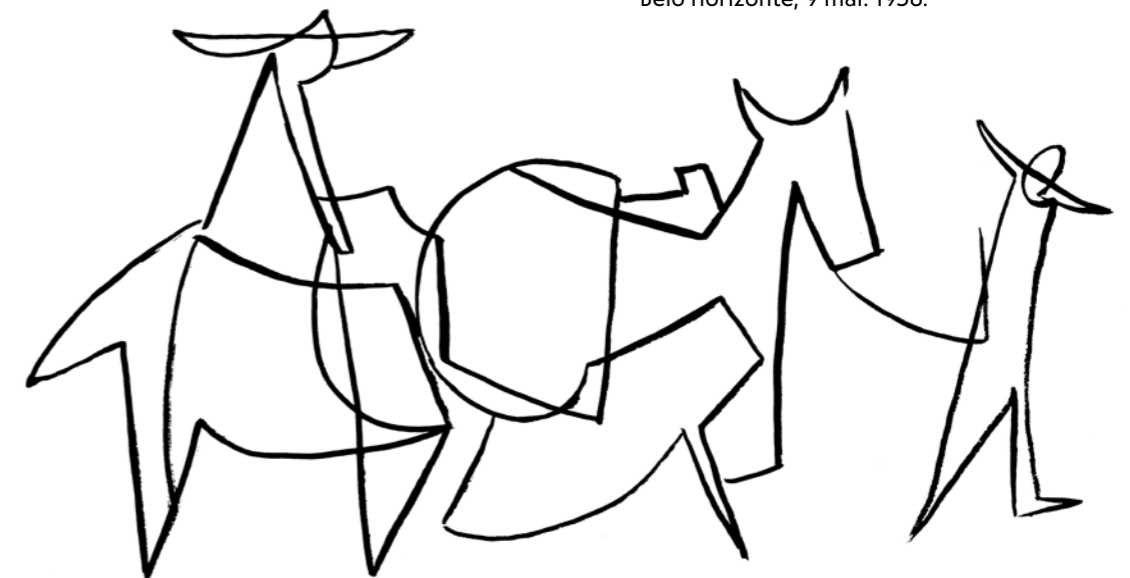
15



19

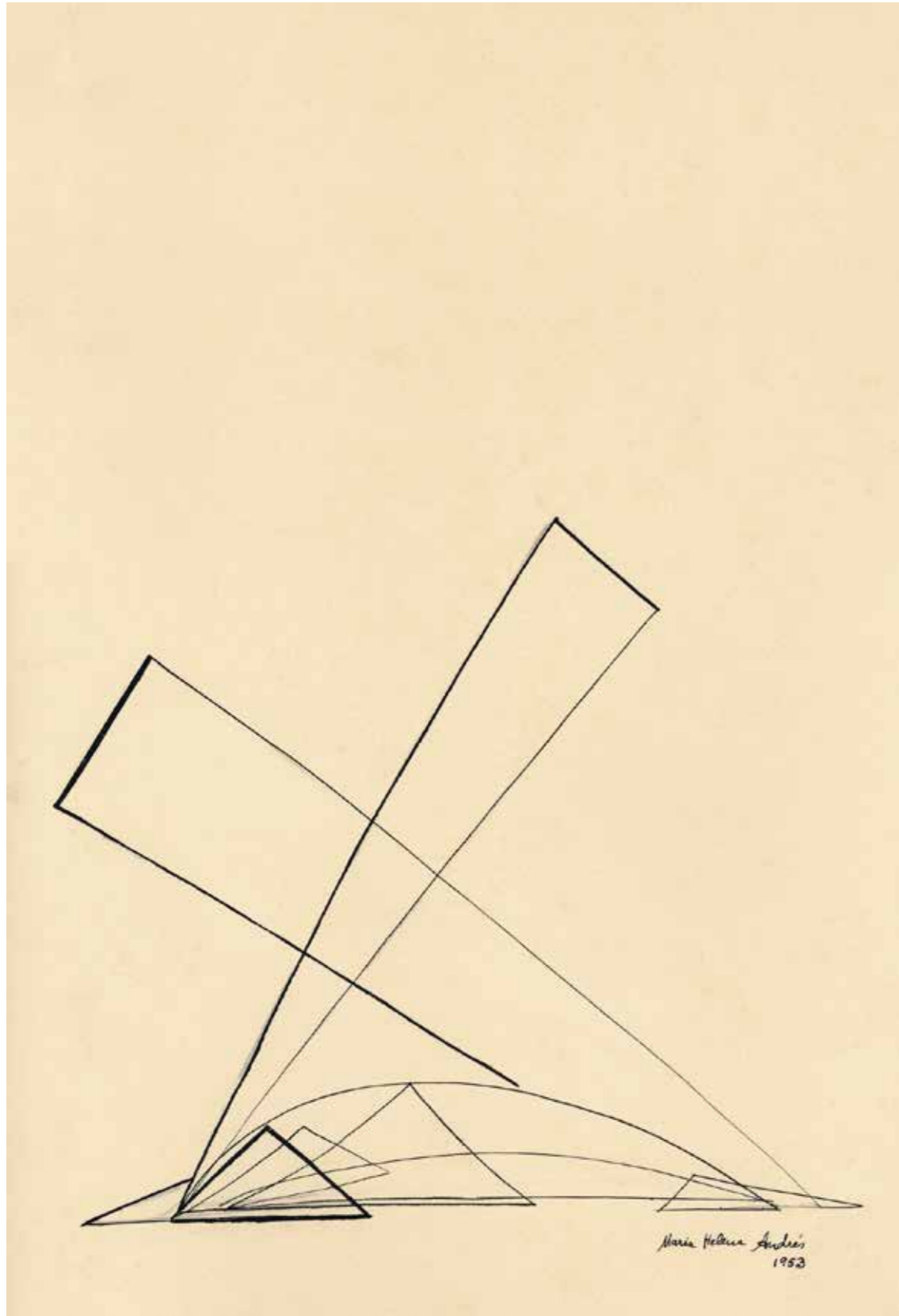
"Maria Helena não para: desenha muito, raciocina bastante sobre os problemas de sua arte. À espontaneidade e à intuição, acrescenta o domínio da razão e da reflexão, isto é, medita sobre a história da arte antiga e contemporânea, sobre a filosofia da arte e a estética. Em sua criação não há nem o domínio puro e simples da intuição, nem o excesso de racionalização e cerebralismo. Sua arte consegue, assim, ser deliciosamente espontânea e sabiamente meditada. Dessa síntese, sobressai, em seus temas e composições, um lirismo que é exclusivamente seu e que pode ser visto, ora num retrato ou numa paisagem de sua fase mais guignardiana, ora na fase dos balões e das colagens, ou, mais recentemente, em suas esplêndidas Cidades Iluminadas, nas quais a abstração se intensifica."

Frederico Morais. Artes Plásticas. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 9 mar. 1958.



21

M. Helena 1953



"A artista procura agora estruturar suas composições dentro de ritmos ou de combinações de forças e cores menos estereotipadas que as concretas já conhecidas. E sabe desenhar com segurança, como se pode verificar pela série da Via Sacra. Alguns desses desenhos possuem uma grande pureza linear. E são, ao mesmo tempo, de uma qualidade arquitetônica irrecusável. Lembram esculturas em fio de ferro, pela nitidez com que se erguem no espaço, parecendo feitas para uma vida mais transcendente que a do simples desenho em preto e branco."

Antônio Bento. *As Artes. Diário Carioca,* Rio de Janeiro, 7 set. 1953.



10



33



11

"Relaciono os desenhos de barco às viagens. São aberturas para seguir o desconhecido que existe dentro de nós. Esse espírito de aventura é a bússola que, de certo modo, nos conduz pelo oceano da vida."

Maria Helena Andrés



BARCOS, ESPACIAL E GUERRA





"Maria Helena Andrés é uma artista que, tendo experimentado em uma de suas fases a mais rigorosa abstração, dela parte para sua pintura atual, em que apenas sugere a figura. Dizemos efetivamente sugere, porque seus barcos e suas pescas não são retratos de dados objetos, mas, antes de tudo, arranjos de cores e formas sobre um determinado espaço, que é o da tela; e se esses arranjos evocam marinhas, é coisa, de certo modo, secundária."

Olívio Tavares de Araújo. Arte. Estado de Minas, Belo Horizonte, out. 1963.



38

"Viajar sempre foi uma constante na minha vida e na minha arte. Conhecer outros povos, vivenciar semelhanças, conscientizar-me da dimensão do planeta, vê-lo à distância me faz perceber o mundo como uma só e única família."

Maria Helena Andrés

"Nos anos 60, a fase de guerras em preto e branco, motivada pela situação política do Brasil na época, foi uma denúncia à opressão e ao medo."

Maria Helena Andrés



40



43

"A presença e a importância de Maria Helena Andrés, como desenhista, pintora e professora, na arte mineira dos últimos vinte e cinco anos, tornou-se fato inconteste. Por volta de 1964, fundindo o significado simbólico das embarcações com chamamentos diretos da contemporaneidade, passou a figurar, na mesma crescente diluição quase abstrata, máquinas voadoras num universo de sonho e luminosidades metálicas; seguiu também, paralelamente, tendência no sentido da absorção dramatizada de situações do nosso cotidiano, como as guerras, em trabalhos que mesclavam formas abstratas e colagens realistas."

Roberto Pontual. *Maria Helena Andrés: Arte / Brasil / Hoje – 50 Anos Depois.* São Paulo, Collectio Artes Ltda., 1973, p. 282-283.



42



"Ligando-se a uma temática de postura universal, Maria Helena Andrés, desde 1966, esquadrinha o cosmos, intui a rota de foguetes voadores, antecipa Aldrin e Armstrong em absurdos e fantásticos roteiros postos nas telas, com toda força de figuração pressentida e imaginada. Superando equivalências a um estágio da civilização culminante nas conquistas espaciais, sua arte atual caminha no sentido de um movimento impulsor que funde, na luta e na aventura científica, os componentes de um espírito repartido entre a dramaticidade (fase de guerra) e o lirismo (fase dos barcos)."

Celma Alvim. A pintura espacial de Maria Helena Andrés. Estado de Minas, Belo Horizonte, 20 jul. 1969.

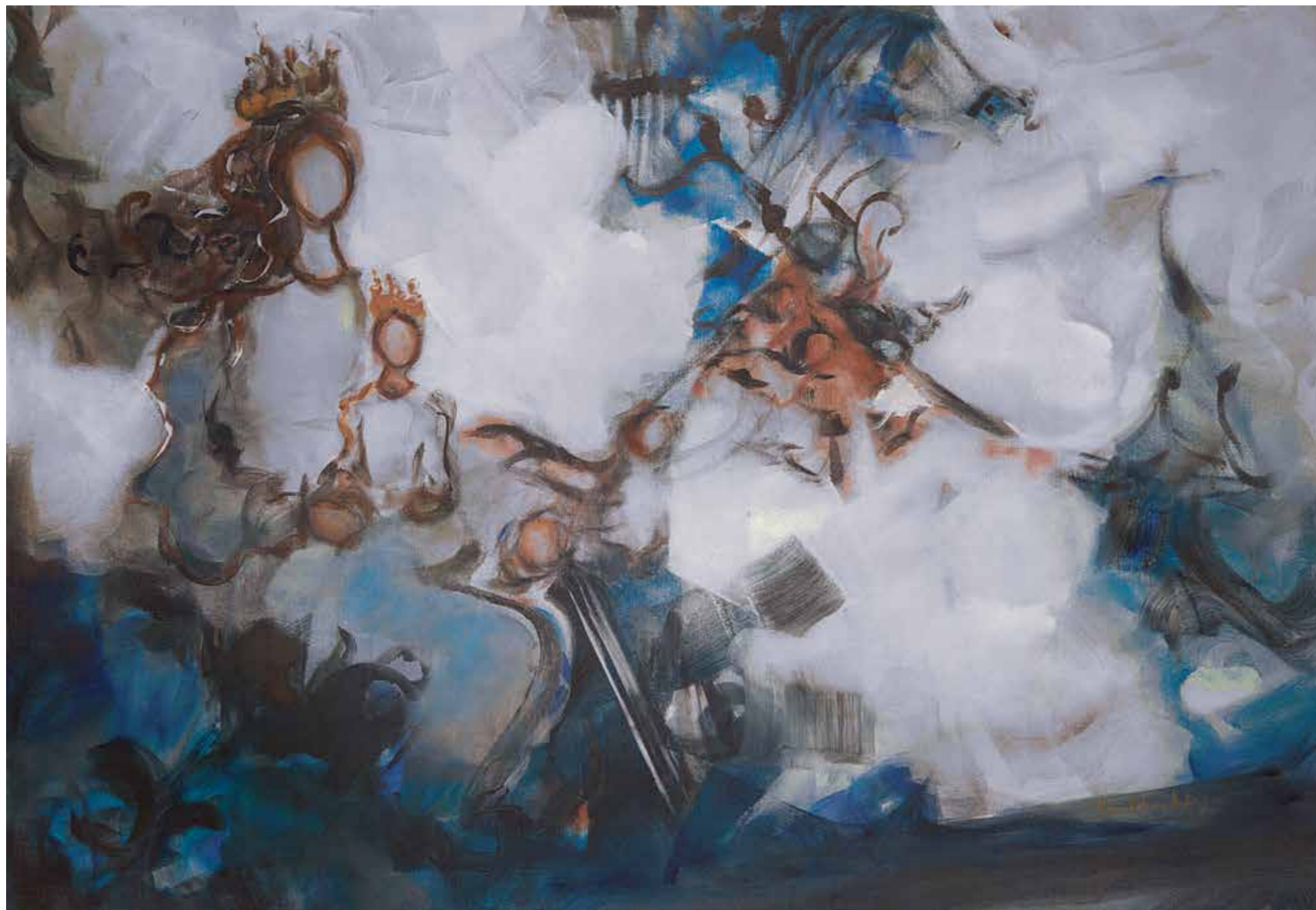
"As primeiras madonas eram agressivas, guerreiras, para depois tomarem as direções dos céus, anunciando a fase dos astronautas. As madonas foram uma ponte entre a terra e o céu, entre a guerra e a paz. Mandala, em termos orientais, corresponde a uma necessidade de integração, de criar uma Gestalt, uma forma inteira, onde todos os lados são iguais. A mandala apareceu em minha pintura espontaneamente, gerada por uma necessidade de voar mais alto, por regiões desconhecidas, a fim de descobrir meu universo externo e interno."

Maria Helena Andrés



MADONAS E MANDALAS





44

"Nos mais recentes trabalhos de Maria Helena Andrés, sua experiência com temas e motivos barrocos não é uma síntese das fases anteriores, mas uma tentativa de transcendê-las pela retomada de uma tradição. Não se trata aqui de recriar formas barrocas, mas um aproveitamento livre de motivos, como que uma verificação de quanto ainda permanece de barroco, na visão do artista, dentro do mundo atual. E o barroco, para um artista brasileiro e, mais do que tudo, mineiro, está ligado a uma tradição perdida num mundo fechado de evocação religiosa. Suas madonas se apresentam, dessa forma, contrapontualmente, ora como harmonias em azuis e branco, ora como polifonias em vermelho, demonstrando toda a ambivalência presente na própria concepção."

Jacques do Prado Brandão. *Maria Helena Andrés*. Grande Hotel de Ipatinga, USIMINAS, Ipatinga (MG), maio 1966.

"Em 1970, Maria Helena faz uma viagem à Índia e ao Japão que a marca profundamente e lhe dá ângulos de vivência já pressentidos, mas, até então, não realizados. Agora ela se situa no cosmos não mais como guerreira, mas buscando seu correto lugar, sua casa, sua integração maior. Seus pontos de união e contato com o Todo crescem, aguça-se sua sensibilidade e lhe faz conhecer o terreno em que pisa. O cosmo, reconhecido como irmão, vai-se iluminando em límpido azul, em suave rosado, em branco brilhante. Daí, até hoje, a alvorada raia, a cor é definitivamente pura e luminosa, os anjos afloram, bolas de luz se multiplicam, madrugadas se acendem."

Célia Laborne Tavares. *Três décadas de Maria Helena Andrés.* Museu de Arte da Pampulha, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, set. 1974.





48



50



49

"Releitura do passado.

Vivencias que se foram mas não se apagaram.

Posso sentir de novo

O entusiasmo da juventude.

A alma não tem idade

Ela está viva."

Maria Helena Andrés



CONTEMPORÂNEA





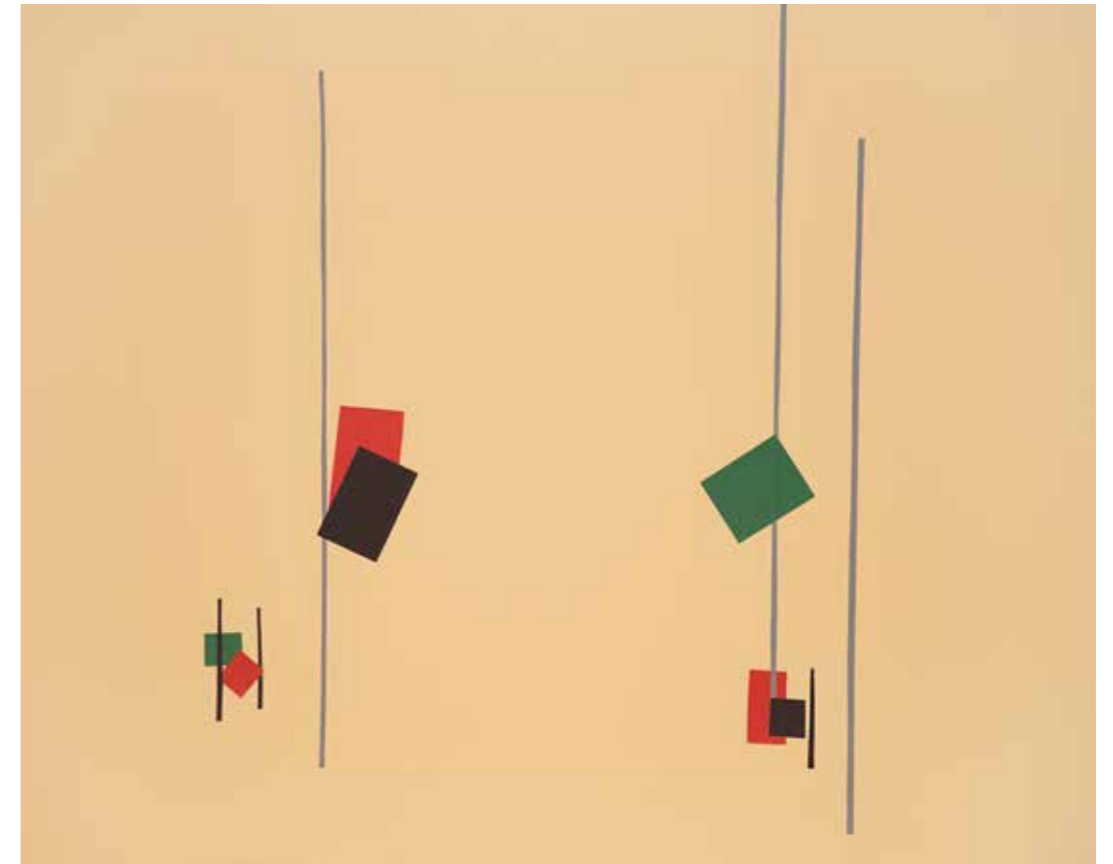
60



61

"Uma das pioneiras do Construtivismo em Minas Gerais, integrou, na década de 50, com Mário Silésio, Marília Giannetti Torres e Mary Vieira, o núcleo de artistas mineiros adeptos dessa nova tendência no país. Isto no mesmo período em que a arte construtiva se consolidava no Rio de Janeiro e São Paulo, então centros hegemônicos absolutos da cultura brasileira. Se a sincronia de Minas Gerais com as questões de ponta da cultura brasileira do período pode ser mensurada pela obra desses artistas, pelas mesmas razões podemos inscrever Andrés como uma das personagens essenciais de um dos momentos mais ricos, dinâmicos e profícuos da arte brasileira de todos os tempos. Sua trajetória artística posterior será marcada por diversas transformações, por exemplo, a sua adesão ao informalismo, no limiar dos anos 60; a retomada, alguns anos mais tarde, da figuração; até a proposta de um processo de criação mais coletivo nas décadas de 70 e 80. Poucos artistas tiveram o privilégio de uma carreira tão longa e diversificada quanto Maria Helena Andrés."

Fernando Cocchiarale. Apresentação do livro Maria Helena Andrés. In: LOPES, Almerinda da Silva. Maria Helena Andrés. Belo Horizonte, C/Arte, 2004, p. 6-7.



56



54

"A fecundidade do desenho da nossa artista fica ainda mais patente nas esculturas, versões atualizadas da mesma família de desenhos contínuos, elaborados naqueles anos. Os desenhos fechados, série de quadriláteros enunciados exclusivamente pelas arestas, linhas que se resolvem em ângulos e quadriláteros irregulares, sobrepostos entre si, revelam-se enfim formas retráteis: transpostos para o ferro, as linhas saltam no espaço, volumetizam-se, despacham-se no espaço abraçando-se ao ar. Na qualidade de esculturas, perdem a univocidade permitida por sua leitura no plano de papel. Postas no espaço, passíveis de serem observadas a partir de ângulos variáveis, cada um único desenho converte-se agora em vários, tanto quanto os pontos de vistas de alguém que se desloca ao seu redor. Cada escultura é, portanto, um desenho plural, prova conclusiva do artil que todo desenho, desde que produzido por mão sábia, traz dentro de si."

Agnaldo Farias. Da Artilosidade da Linha.
Maria Helena Andrés – Desenhos Concretos.
Galeria Léo Bahia Arte Contemporânea,
Belo Horizonte, 6-28 maio 2005.





CRONOLOGIA

Maria Helena Coelho Andrés Ribeiro, artista plástica, escritora e arte-educadora, nasceu em Belo Horizonte, em 1922. Iniciou sua formação artística nos anos 1940, estudando com Carlos Chambelland, no Rio de Janeiro; Alberto da Veiga Guignard, em Belo Horizonte; e, nos anos 1960, com Theodoros Stamos, em Nova York. Lecionou desenho na Escola Guignard, da qual foi diretora, em 1965, e é professora emérita desde 2017.

A partir dos anos 1970, iniciou os trabalhos de integração cultural entre o Oriente e o Ocidente. Realizou várias viagens à Índia, onde participou de seminários e festivais de arte, proferiu palestras e iniciou estudos comparativos entre o Brasil e a Índia. Na década de 1990, integrou o corpo docente da Universidade Holística Internacional de Brasília e ministrou vários workshops para o Curso de Formação Holística de Base.

Nos anos 1940/50, participou de vários Salões de Belas-Artes. Em Belo Horizonte, recebeu Prêmios de Desenho no IV, V, XIV, XV e XVII Salões de Belas-Artes (1943, 1944, 1959, 1960 e 1962); de Menção Honrosa no VI Salão de Belas-Artes (1945); e o Grande Prêmio do Estado de Minas Gerais (1950). No Rio de Janeiro, foi contemplada com Menção Honrosa nos XLIX e LII Salões Nacionais de Belas-Artes (1943 e 1948); Medalha de Bronze no LVI Salão Nacional de Belas-Artes (1951); Certificado de Isenção de Júri no I Salão Nacional de Arte Moderna (1952); e Prêmio de Aquisição nos II e VII Salões Nacionais de Arte Moderna (1953 e 1958). Recentemente, recebeu várias homenagens e prêmios, dos quais se destacam: Professora Emérita da Escola Guignard, Belo Horizonte (2017), e Prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), São Paulo (2017).





Participou de várias Bienais Internacionais de São Paulo: I, II, III, V, VI (Certificado de Isonção de Júri), VII, IX, XII (Sala Especial – Arte Construída) e XX (Sala Especial – Pintura Abstrata: Efeito Bienal 1954-1963).

Ao longo de sua trajetória artística, realizou várias exposições individuais e coletivas no Brasil, nos EUA, na Europa e na América Latina, entre outras, *Dimensions of Constructive Art in Brazil – The Adolpho Leirner Collection*, no MFAH (The Museum of Fine Arts, Houston), em Houston, Texas (EUA). Realizou quatro exposições retrospectivas em Belo Horizonte: *Maria Helena Andrés*, no Museu de Arte da Pampulha (1959); *Três Décadas de Maria Helena Andrés*, no Museu de Arte da Pampulha (1974); *Maria Helena Andrés: 1944-1994*, no Palácio das Artes (1994); e *Maria Helena Andrés: Linha e Gesto*, no Palácio das Artes (2009).

Possui obras nos seguintes acervos públicos nacionais: Museu de Arte da Pampulha (MAP), Museu Mineiro, Prédio Júlio Soares (Cemig), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fundação Clóvis Salgado, Escola Municipal Herbert José de Souza e Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, em Belo Horizonte; Ermida do Santuário Nossa Senhora da Piedade, em Caeté (MG); Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins (MG); Prefeitura da Cidade de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu de Arte Contemporânea da USP, em São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes e Igreja Nossa Senhora de Copacabana, no Rio de Janeiro; Fundação Cidade da Paz, em Brasília. No exterior, suas obras integram os seguintes museus e coleções: The Phillips Collection e Brazilian American Cultural Institute, em Washington DC (EUA); The Museum of Fine Arts, Houston (MFAH), em Houston, no Texas



(EUA); New Mexico Museum of Art, em Santa Fé, Novo México (EUA); e Institut Valencià d'Art Modern, em Valência (Espanha).

Publicou os livros: *Vivência e Arte*, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora (1966); *Os Caminhos da Arte*, Petrópolis, Vozes (1977), e Belo Horizonte, Editora C/Arte (2000 e 2015); *Oriente-Ocidente – Integração de Culturas*, Belo Horizonte, Morrison Knudsen, (1984); *Encontro com Mestres no Oriente*, Belo Horizonte, LuzAzul (1993); *Maria Helena Andrés – Depoimentos*, Belo Horizonte, C/Arte – Coleção Circuito Atelier (1998); *Maria Helena Andrés*, Belo Horizonte, C/Arte (2004); *Reflexões sobre arte* (e-book), Belo Horizonte, IMHA (2021); e *Fortuna Crítica de Maria Helena Andrés* (e-book), Belo Horizonte, IMHA (2021).

Participou, como ilustradora, dos livros: *Pepedro nos Caminhos da Índia*, de Aparecida Andrés; *Ondas à Procura de Mar*, de Pierre Weil; *Vida Integral e Caminhos de Luz*, de Célia Laborne Tavares; *Rio das Velhas – Memórias e Desafios* e *Os Descaminhos do São Francisco*, de Marco Antônio Coelho; e *A Água Fala*, de Maurício Andrés e Aparecida Andrés.

Em 2005 foi criado o Instituto Maria Helena Andrés (IMHA), em Entre Rios de Minas, hoje com sede no Condomínio Retiro das Pedras, em Brumadinho-MG (www.imha.org.br).

O Instituto tem como objetivo catalogar, conservar e divulgar a obra da artista, além de promover ações e intercâmbios culturais no Brasil e no exterior. Através do IMHA foram realizados diversos vídeos e lives sobre a artista e o documentário *Maria Helena Andrés – Arte e Transcendência*, dirigido por Evandro Lemos e Danilo Vilaça (2018).

Desde 2009, Maria Helena Andrés mantém, semanalmente, dois blogs: www.mariahelenaandres.blogspot.com e www.memoriaseviagensmha.blogspot.com

LISTA DE OBRAS

1. **Fazenda da Barrinha**, 1944
Óleo s/ madeira, 30,3 x 34,6 cm
Coleção Euler Andrés Ribeiro e Iara Rolim
2. **Casamento na Roça**, 1950
Óleo s/ madeira, 46,3 x 66,2 cm
Coleção Euler Andrés Ribeiro e Iara Rolim
3. **Domingo no Parque**, 1950
Óleo s/ madeira, 40 x 50 cm
Coleção Euler Andrés Ribeiro e Iara Rolim
4. **Paisagem de Belo Horizonte**, 1944
Óleo s/ madeira, 39 x 54 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés Ribeiro
5. **Menina e Papagaio**, 1950
Óleo s/ madeira, 50 x 39 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro
6. **Ateliê da Escola Guignard**, 1947
Óleo s/ cartão, 40 x 50 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés Ribeiro
7. **Músicos**, 1952
Óleo s/ madeira, 41 x 54 cm
Coleção Artur Andrés e Regina Amaral
8. **Bodas de Canaã**, 1952
Óleo s/ madeira, 52,5 x 62 cm
Coleção Ivana Andrés Ribeiro
9. **Duas Figuras**, 1952
Óleo s/ madeira, 45 x 58 cm
Coleção Eliana Andrés Ribeiro
10. **Figuras**, 1953
Óleo s/ tela, 55 x 46,5 cm
Coleção da Artista
11. **Mãe e Filho**, 1953
Óleo s/ tela, 46 x 55 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro
12. **Sem título**, 1953
Óleo s/ tela, 46 x 55 cm
Coleção Regina e Delcir da Costa
13. **Roda de Criança**, 1953
Óleo s/ tela, 60,5 x 80,5 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro
14. **Lavadeira**, 1945
Pastel s/ papel, 45 x 28 cm
Coleção Alexandre Amaral Andrés
15. **Fazenda da Barrinha**, 1950
Aquarela s/ papel, 40 x 42,5 cm
Coleção Alice Andrés Gontijo
16. **Trabalhadores**, 1948
Aquarela s/ papel, 24 x 28,5 cm
Coleção da Artista
17. **Músicos**, 1952
Aquarela s/ papel, 24 x 29 cm
Coleção da Artista
18. **Boizinhos**, 1952
Nanquim e aquarela s/ papel, 10,5 x 15 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro
19. **Boizinhos**, 1952
Nanquim e aquarela s/ papel, 10,4 x 14,5 cm
Coleção Eliana Andrés Ribeiro
20. **Boizinhos**, 1953
Nanquim s/ papel, 23,3 x 18,5 cm
Coleção Roberto Andrés e Fernanda Regaldo
21. **Tropeiros**, 1953
Nanquim s/ papel, 22 x 30 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro
22. **Via Sacra**, 1953
Nanquim s/ papel, 18 x 14 cm
Coleção da Artista
23. **Via Sacra**, 1953
Nanquim s/ papel, 18 x 15 cm
Coleção Ivana Andrés Ribeiro
24. **Sem título**, 1952
Guache s/ papel, 5 x 5,4 cm
Coleção da Artista
25. **Construindo a Linha nº 2**, 1953
Nanquim s/ papel, 4,2 x 4 cm
Coleção da Artista
26. **Construindo a Linha nº 3**, 1953
Nanquim s/ papel, 3 x 4 cm
Coleção da Artista
27. **Sem título**, 1952
Lápis e guache s/ papel, 6 x 4,6 cm
Coleção da Artista
28. **Sem título**, 1959
Nanquim s/ papel, 59 x 29,5 cm
Coleção Ivana Andrés Ribeiro
29. **Sem título**, 1959
Nanquim s/ papel, 60 x 30 cm
Coleção da Artista
30. **Movimento de Cores**, 1955
Óleo s/ tela, 59,5 x 72,5 cm
Coleção Henrique Meneghelli
31. **Composição Linear**, 1955
Óleo s/ tela, 48 x 84 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés
32. **Cidade Iluminada**, 1957
Óleo s/ tela, 53,7 x 73 cm
Acervo Museu de Arte da Pampulha
33. **Alvorada**, 1958
Óleo s/ tela, 51 x 71 cm
Coleção Luiz Andrés Paixão
34. **Rebeldia em azul**, 1961
Óleo s/ tela, 37 x 61 cm
Coleção Luiz e Silvana Salles Coelho
35. **Embarcação**, 1963
Óleo s/ tela, 64 x 100 cm
Coleção Artur Andrés e Regina Amaral
36. **Tempestade no Mar**, 1963
Óleo s/ tela, 62,5 x 90 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés Ribeiro
37. **Foguete Espacial**, 1969
Acrílica s/ tela, 80 x 115 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés Ribeiro
38. **TV no Espaço**, 1969
Colagem e acrílica s/ tela, 80,7 x 116 cm
Coleção Laís Barbosa Salles Coelho
39. **Dom Quixote no Espaço**, 1973
Acrílica s/ tela, 66 x 100 cm
Coleção Andrea Farnezi Velloso
40. **Radioactive Ship**, 1965
Acrílica e colagem s/ tela, 76 x 112,5 cm
Acervo Museu de Arte da Pampulha

41. **Fotograma Espacial**, 1970
Colagem e nanquim s/ papel, 65 x 95 cm
Coleção Marília Andrés Ribeiro

42. **Guerra**, 1967
Nanquim s/ papel, 66 x 96 cm
Coleção Roberto Andrés e Fernanda Regaldo

43. **Guerra**, 1967
Nanquim s/ papel, 66 x 94,5 cm
Coleção da Artista

44. **Madona**, 1966
Óleo s/ tela, 81 x 116 cm
Coleção Artur Andrés Ribeiro e Regina Amaral

45. **Madona Barroca**, 1965
Óleo s/ tela, 80 x 127 cm
Coleção Maurício e Aparecida Andrés Ribeiro

46. **Mandala**, 1991
Acrílica s/ tela, 100 x 80 cm
Coleção Renato Resende

47. **Mandala**, 1974
Acrílica s/ tela, 107 x 97 cm
Coleção Maria Regina Andrade

48. **Luz que se Aproxima**, 1977
Acrílica s/ tela, 90 x 110 cm
Coleção Renato Resende

49. **O Guardião das Montanhas**, 1976
Acrílica s/ tela, 111 x 131 cm
Coleção da Artista

50. **Mandala**, 1984
Acrílica s/ tela, 130 x 110 cm
Coleção Eliana Andrés Ribeiro

51. **Paisagem Cósmica**, 1985
Acrílica s/ tela, 110 x 200 cm
Coleção Eliana Andrés Ribeiro

52. **Sem título**, 2022
Escultura em chapa de aço 150 x 122 x 85 cm
Coleção da Artista

53. **Sem título**, 2019
Colagem s/ papel (branco) 71 x 100 cm
Coleção da Artista

54. **Sem título**, 2018
Colagem s/ papel (creme) 72 x 100 cm
Coleção da Artista

55. **Sem título**, 2017
Colagem s/ papel (branco) 113 x 78 cm
Coleção da Artista

56. **Sem título**, 2018
Colagem s/ papel (amarelo), 81,8 x 102 cm
Coleção da Artista

57. **Sem título**, 2018
Colagem s/ papel (verde), 84,5 x 104 cm
Coleção da Artista

58. **Sem título**, 2018
Colagem s/ papel (amarelo), 84,5 x 104 cm
Coleção da Artista

59. **Sem título**, 2018
Colagem s/ papel (cinza), 102 x 81,7 cm
Coleção da Artista

60. **Sem título**, 2009
Acrílica s/ tela, 200 x 100 cm
Coleção da Artista

61. **Sem título**, 2009
Acrílica s/ tela, 200 x 100 cm
Coleção da Artista

62. **Sem título**, 2009
Acrílica s/ tela, 100 x 200 cm
Coleção da Artista

63. **Autorretrato**, 1945
Lápis s/ papel, 34 x 29 cm
Coleção da artista

FICHA TÉCNICA

CENTRO CULTURAL UNIMED-BH MINAS

PRESIDENTE
Ricardo Vieira Santiago

DIRETOR DE CULTURA
André Rubião

GERENTE DE CULTURA
Wanderleia Magalhães

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Lorena Oliveira Correa
Samia Arantes

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Comunicação do
Minas Tênis Clube

EQUIPE EXPOSIÇÃO

CURADORIA
Marília Andrés Ribeiro e
Roberto Andrés

PESQUISA HISTÓRICA
Nelyane Gonçalves Santos

CRONOLOGIA
Eliana Andrés Ribeiro

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Luiza Fonseca

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO -
MONTAGEM
Renata Villanova

PROJETO EXPOGRÁFICO E
MOBILIÁRIO
Elena Andrés Valle

DESIGN GRÁFICO
Andrea Costa Gomes
Bernardo Lessa

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Léa Santiago

LAUDOS TÉCNICOS

Nelyane Gonçalves Santos BH
Camilla Ayla SÃO PAULO
Mariah Boelsums BRASÍLIA
Vanessa Magalhães Pinto RIO DE JANEIRO

CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO
Moema Nascimento Queiroz

FOTOGRAFIA

José Israel Abrantes
(Todas as obras e p.p. 6-7, 10-19 e 74-76)
João Diniz (p.p. 20-21)
Marília Andrés Ribeiro (p. 77)

PROGRAMA EDUCATIVO
Malacaxeta

EXPOGRAFIA
Fala Cenários

EXECUÇÃO DA ESCULTURA
Paulo Mendes dos Santos

PALESTRANTE
Agnaldo Farias

Catálogo na Publicação (CIP)

R484m

Ribeiro, Marília Andrés

Maria Helena Andrés: centenária [catálogo da exposição] / Texto e curadoria: Marília Andrés Ribeiro e Roberto Andrés; Fotografias: José Israel Abrantes e João Diniz. – Belo Horizonte : Centro Cultural Unimed-BH Minas, 2022.

80p. ; il. color. ; 21cm x 27cm.

Este catálogo é parte integrante da exposição "Maria Helena Andrés: centenária", realizada de 6 de novembro de 2022 a 5 de fevereiro de 2023.

ISBN 978-65-993441-5-2

1. Catálogos de exposição. 2. Artes Plásticas - Exposições. 3. Arte Contemporânea - Século XXI - Exposições. 4. Arte brasileira - Século XXI - Exposições. 5. Artes Visuais - Século XXI - Exposições. I. Andrés, Roberto. II. Abrantes, José Israel. III. Diniz, João. IV. Título.

CDD: 708.981

Bibliotecária: Pâmela Bastos Machado CRB6/3070



PATROCÍNIO MÁSTER



PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO



Este catálogo é parte integrante da exposição "Maria Helena Andrés - Centenária", apresentada na Galeria de Arte do Centro Cultural Unimed-BH Minas, de 6 de novembro de 2022 a 5 de fevereiro de 2023. Impresso pela Gráfica Formato, em papel Couché Fosco 150g (miolo) e cartão Supremo 300g (capa), com tiragem de 500 exemplares, em dezembro de 2022.

ISBN: 978-65-993441-5-2



